



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

LUCAS PERES FLORES

**ROSTOS QUE NOS REPRESENTAM: O JORNALISTA NEGRO
NA RBS TV**

Porto Alegre

2022

LUCAS PERES FLORES

**ROSTOS QUE NOS REPRESENTAM: O JORNALISTA NEGRO
NA RBS TV**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Ritter dos Reis como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Joselaine Caroline

Porto Alegre

2022

LUCAS PERES FLORES

**ROSTOS QUE NOS REPRESENTAM: O JORNALISTA NEGRO
NA RBS TV**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Ritter dos Reis como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

**Aprovado em:
BANCA EXAMINADORA**

**Profa. Joselaine Caroline - UniRitter
Orientadora**

**Prof. Wagner Machado
Examinador**

“A exceção só serve para confirmar a regra. E que regras são essas, sociais e raciais, dentro da sociedade brasileira que, para alguns vencerem determinadas barreiras, é muito fácil? Aliás, alguns nem barreiras têm.”

Conceição Evaristo

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais Jaqueline e Luiz Carlos, que desde pequeno me incentivaram a estudar e não mediram esforços para me apoiar nas escolhas que me levaram até este momento, sendo pacientes e atenciosos durante toda esta caminhada. Esta conquista também é deles.

Agradeço ao meu porto seguro que, durante boa parte desta caminhada, sempre me deu apoio e suporte para continuar na luta. Quando tudo parece nebuloso, é ela que fica ao meu lado, como minha dupla, e me motiva a continuar na luta. Obrigado Laura!

Agradeço também a todos os outros membros da minha família e aos amigos, que sempre ao me encontrar, demonstravam suporte e felicidade com minha caminhada, sem nunca duvidar de mim.

À minha orientadora, Joselaine Caroline, que me apoiou e guiou durante o maior desafio de minha vida acadêmica, e mesmo com as dificuldades que passei neste processo, não deixou de me apoiar.

Agradeço também ao movimento negro brasileiro, que iniciou, há mais de um século, um processo de muita luta e dedicação para dar direitos e educação para nosso povo. Hoje, estou colhendo os frutos desta batalha.

RESUMO

Em muitos aspectos e áreas da sociedade brasileira, o negro não encontra segurança e exemplos de que sua identidade é bem-vinda. A falta de representatividade é algo que afeta não apenas a pessoa que se considera “invisível” em certo espaço, mas também a percepção de todos quanto à importância deste ser na sociedade. Esta monografia visa analisar como os jornalistas negros vêm sendo utilizados dentro da RBS TV, maior veículo de comunicação do Rio Grande do Sul. O estudo apresenta uma análise de conteúdo do Jornal do Almoço, no período de 1 a 16 de julho de 2022, utilizando os métodos propostos por Bardin (2016). A pesquisa também aborda temas como a invisibilidade do povo negro, raça e representação, e faz uma contextualização da imprensa negra e do movimento negro brasileiro, com contribuições de autores como Bandeira (2021), Oliveira (2017), e Gomes (2019).

Palavras-chave: Jornalismo. Mídia. Raça. Invisibilidade.

ABSTRACT

In many aspects and areas of Brazilian society, black people do not find security and examples that their identity is welcome. The lack of representation is something that affects not only the person who considers himself “invisible” in a certain space, but also everyone's perception of the importance of this being in society. This monograph aims to analyze how black journalists have been used within RBS TV, the largest communication vehicle in Rio Grande do Sul. The study presents a content analysis of 'Jornal do Almoço', from July 1 to 16, 2022, using the methods proposed by Bardin (2016). This research also addresses topics such as the invisibility of black people in society, race and representation, and contextualizes the black press and the Brazilian's black population civil rights movements, with contributions from authors such as Bandeira (2021), Oliveira (2017), and Gomes (2019).

Key-words: Journalism. Media. Race. Black population's invisibility.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Aparições de Bernardo Barcellos no período analisado

Tabela 2 - Aparições de Fernanda Carvalho no período analisado

Tabela 3 - Aparições de Marck B no período analisado

Tabela 4 - Aparições de Seguidor F no período analisado

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 10 |
| 2. IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO DO POVO NEGRO | 12 |
| 3. JORNALISMO NEGRO NA TELEVISÃO GAÚCHA | 19 |
| 4. O MOVIMENTO NEGRO E A CONTESTAÇÃO DA INVISIBILIDADE | 25 |
| 5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 30 |
| 6. ANÁLISE | 34 |
| 6.1 Bernardo Barcellos | 34 |
| Tabela 1 - Aparições de Bernardo Barcellos no período analisado | 35 |
| 6.2 Fernanda Carvalho | 36 |
| Tabela 2 - Aparições de Fernanda Carvalho no período analisado | 37 |
| 6.3 Marck B | 38 |
| Tabela 3 - Aparições de Marck B no período analisado | 39 |
| 6.4 Seguidor F | 42 |
| 7. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS | 44 |
| 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 47 |
| REFERÊNCIAS | 49 |

1. INTRODUÇÃO

O telejornalismo brasileiro é um ambiente dominado em sua grande maioria por apenas um grupo de pessoas. Ao assistir uma programação jornalística, nas principais emissoras do país, a quantidade de profissionais negros em relação aos brancos é ínfima. Normalmente, os rostos negros costumam aparecer apenas quando há notícias relacionadas a pobreza ou violência, e quando os poucos profissionais negros entram em cena, muitas vezes é devido ao tema abordado ter relação com sua cor de pele. Tal situação afeta negativamente a população negra, seja pela falta de representatividade nas telas, ou pela falta de oportunidades, vista na quase invisibilidade de negros atuando no telejornalismo brasileiro.

O objetivo principal deste trabalho, é descobrir como os jornalistas negros estão sendo utilizados pelos veículos de telejornalismo do Rio Grande do Sul. Estado majoritariamente composto pela população branca, a dificuldade de um jornalista negro de estar em um veículo televisivo já serve como grande fator negativo para a perspectiva de futuros profissionais negros, saber como os profissionais que chegam neste local estão sendo utilizados se torna uma informação importante para que novos jornalistas sintam-se a vontade para seguir este caminho.

Diante deste objetivo, a pesquisa visa identificar possíveis situações de invisibilidade dos profissionais negros no telejornalismo gaúcho, que está situado em um estado que tem em suas raízes o apagamento da história negra, e herda de seu passado costumes eurocentristas, que costumam afastar ainda mais os negros de posições de destaque.

A hipótese levantada neste trabalho é de que os telejornais gaúchos, agindo com base em culturas eurocentristas e com baixas intenções de auxiliar no aumento da representatividade dos negros no jornalismo, acabe sub-utilizando seus profissionais, colocando-os para atuar apenas em pautas estereotipadas em relação a sua cor de pele.

Antes de se adentrar na pesquisa, serão abordados temas como a identidade e representação do povo negro. Identidade é a forma como um ser humano se vê no mundo, se utilizando das experiências e ensinamentos obtidos em sua interação com o mundo em sua volta. Para o sociólogo Stuart Hall, indivíduos moldam sua identidade através de suas vivências culturais e sociais.

No primeiro capítulo, a formação da identidade é abordada, apontando como que o processo de formação de indivíduos tem sido realizado nos dias atuais. Com o avanço da tecnologia e da globalização, o processo de formação da identidade tem se transformado, junto com a forma em que a sociedade muda, ao se tornar mais maleável e rápida em relação a suas certezas e costumes, e com estas mudanças cria-se o chamado **sujeito pós-moderno**.

Ainda no primeiro capítulo, aborda-se a questão da identidade social e cultural de uma pessoa, esta que pode ser considerada como o um documento de identificação de uma pessoa como membro da sociedade, e devido a aspectos relacionados ao poder da indústria cultural e de seus objetivos, pode agir como ferramenta para a discriminação e disputa entre classes.

Também é abordada a identidade e representação do povo negro, esta que, sem a preferência de uma sociedade pautada pelo eurocentrismo e por um grande preconceito construído historicamente durante a escravidão, acaba por ser escanteada em ambos os aspectos sociais e culturais de onde se encontram. Ao serem tratados como invisíveis, os negros acabam sem conhecer sobre si e sobre sua história.

Antes de passar para o segundo capítulo, é apresentado também como o jornalismo serve de base para a discriminação do povo negro aos olhos da população. Ao serem aqueles que sempre aparecem nas situações de violência, pobreza e miséria, cria-se o estigma de que o negro é diretamente ligado a estas situações, por outro lado, são raras as aparições de rostos negros nas histórias felizes abordadas pela mídia. Ao tentar lutar contra este sistema que prega a invisibilidade das necessidades negras, a imprensa negra nasceu pelo final do século XIX, buscando um espaço de fala para este povo e se utilizando do jornalismo com uma ferramenta de visibilidade e conscientização social.

No segundo capítulo, a história da imprensa negra no Brasil e no estado do Rio Grande do Sul é contextualizada, desde sua criação até seu desenvolvimento e solidificação como ferramenta de reivindicação para melhores condições. Ao tratar do estado gaúcho, O capítulo traz informações sobre vitórias dos negros no jornalismo do Rio Grande do Sul. Também são apresentados dados sobre a situação do jornalismo negro nos dias atuais, onde além de que poucos profissionais atuam em locais de destaque como por exemplo o telejornalismo, eles passaram muito tempo atuando em cargos de pouco destaque e visibilidade.

O terceiro capítulo apresenta o Movimento Negro Brasileiro, que serviu como forma de organizar a população negra para reivindicar melhores condições sociais em um Brasil recém livre da escravidão. A importância de se contextualizar o movimento negro se dá pelo fato de ele ter ligações diretas com a imprensa negra, que andou ao lado do movimento servindo como ferramenta para alcançar a população que não os enxergava na mídia tradicional.

Ainda no segundo capítulo são apresentados agrupamentos importantes do movimento negro no país, assim como apresentadas suas causas e atuações na sociedade. O capítulo segue do período após a abolição da escravatura até os dias atuais, citando vitórias importantes para a sociedade negra, que transformaram a situação do povo para melhor.

Após apresentar e contextualizar a situação dos negros no jornalismo, assim como apresentar a longa luta para chegar na situação em que se encontram nos dias atuais, o trabalho se objetiva a analisar como os telejornalistas negros estão sendo utilizados pela RBS TV, maior veículo de comunicação do Rio Grande do Sul. Com a utilização dos métodos de análise de conteúdo apresentados por Laurence Bardin (2016), é apresentada uma cobertura do telejornal *Jornal do Almoço*, no período de 1 a 16 de julho de 2022, em que os momentos e funções nas quais os telejornalistas negros da emissora estão presentes são analisados dentro das categorias: Tema de pauta, Representatividade e Frequência.

2. IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO DO POVO NEGRO

A identidade social é o sentido do "eu" que desenvolvemos através das nossas interações com os outros. É o conjunto de crenças e atitudes que temos sobre nós próprios e sobre o mundo que nos rodeia. Para Hall (1992), nosso processo de formação como indivíduos vive uma mudança cultural e social, que forma sujeitos que mudam constantemente em uma sociedade. Sujeitos vistos no passado com percepções de identidade mais estáveis, hoje são compostos de mais de uma "identidade", afetadas por seus aspectos culturais e sociais. Este sujeito, chamado de sujeito pós-moderno, é muito mais afetado pelo mundo ao seu redor, podendo ter sua identidade moldada por ele, mesmo que temporariamente. Com o avanço da tecnologia, e o aumento da globalização, geram um grande impacto na identidade cultural do indivíduo moderno. Diferente da sociedade tradicional, a sociedade moderna muda constantemente e de maneira rápida, e este fator altera constantemente o caráter de um indivíduo, que costuma se ajustar ao seu contexto.

As sociedades modernas, por viverem em constante mudança em diversos pontos, não partem de um ponto fixo, e sim de diversos pontos, divididos e que podem ou não se antagonizar, e que não chegam a se desintegrar. Estes aspectos criam novas identidades e desarticulam as estáveis do passado.

Para Portal (2016), discutir identidade, seja ela cultural ou social, em um mundo capitalista, é falar da marca registrada de alguém.

É a forma como a pessoa se enxerga em determinada comunidade ou grupo social visto pelo prisma, muitas vezes, da indústria cultural a que é submetida de maneira imposta ou livre. É, portanto, o registro de cada indivíduo (PORTAL. 2016, p.2).

Então, se entende que o indivíduo realiza o processo de autodescoberta durante sua percepção e influência na sociedade em sua volta. Portal (2016), cita o eurocentrismo como uma das principais influências dentro da indústria cultural, com isso a Europa é vista como referência cultural e social, influenciando a identidade social em todos os cantos do mundo, ao utilizar um ponto de vista como base para tudo. Isso é evidenciado em programas televisivos jornalísticos ou não, e isso se reflete na mudança de comportamento de crianças, jovens e adultos.

Há uma série de maneiras de pensar sobre a identidade social da população negra. Podemos considerar que a identidade social negra é moldada pela raça e etnia. Outra forma de

pensar sobre, é a considerar moldada por gênero, classe e sexualidade. E ainda outra forma de pensar sobre a identidade social negra é considerar como ela é moldada por experiências históricas de racismo, opressão, e resistência. Não importa como se opte por pensar sobre a identidade social negra, uma coisa é evidente: trata-se de uma identidade complexa e multifacetada. Não há uma forma única de definir a identidade social negra. Pelo contrário, é algo que está em constante evolução e mudança, moldado pelo mundo em constante mudança que nos rodeia.

Em muitos aspectos e áreas da sociedade brasileira, o negro não encontra segurança e exemplos de que sua identidade é bem vinda. A TV, um dos veículos de mídia mais tradicionais do Brasil, exemplifica bem este cenário. A falta de representatividade é algo que afeta não apenas a pessoa que se considera “invisível” em certo espaço, mas também a percepção de todos quanto à importância deste ser na sociedade.

Costa et al. (2018) aponta que, em consonância a isso, a história ensinada pelas instituições de ensino praticamente não possibilita imaginar, aprender e compreender e, por meio do senso de alteridade, a construir empatias e identificação da população com os negros. O autor cita como exemplo a biografia de Mahommah Gardo Baquaqua, negro nascido na África, no início do século XIX, e escravizado no Brasil, que foi publicada no Brasil apenas em 2017, sendo que havia sido lançada nos Estados Unidos, em 1854, pelo próprio Mohammad, e permaneceu mais de 150 anos desconhecida no local em que parte de sua história aconteceu. Para o autor, ao fomentarmos estes temas dentro do estudo, é possível construir a imagem dos negros para além da escravidão.

O mulato foi sempre apresentado como feitor ou capitão do mato nas novelas escravocratas, ou como pequeno comerciante, delegado, subgerente e serviço intermediário (mais interessado em subir na vida a qualquer preço, suportando a humilhação por sua origem “impura”), buscando evitar as referências a sua condição de mestiço e servindo às necessidades de controle do negro na sociedade. Portanto, simbolicamente, mesmo na representação de nossa miscigenação, persiste a ideia de superioridade do branco. (ARAÚJO. 2007, p.3).

Para Pinheiro (2016), o termo “invisibilidade” se relaciona com diversos pontos da condição humana. Esta invisibilidade pode ser resultado da disputa entre diferentes grupos por espaço na sociedade, abordagem que é fruto do capitalismo, ao pregar benefício pessoal e acelerado para cada um de maneira individual, assim, tirando a visibilidade para as necessidades do outro. Assim, começam conflitos gerados por diferenças entre características e culturas, pois a diferença pode ser vista por alguns com repulsa. Segundo Pinheiro, “o homem não está apto a tratar a diferença do outro com tranquilidade”.

Compreender a diferença do outro pode ser considerado ameaça por ferir a própria identidade social e cultural. O ato de (pré) julgar comportamentos, costumes e/ou conceitos linguísticos é feito a todo instante, em qualquer grupo social; é o momento em que prevalece o próprio olhar, a própria culinária, o próprio sotaque, a própria cor. Seria isso valorização da identidade? Ou tal comportamento abre lacunas para desigualdade e dominação social? (PINHEIRO. 2016, p.5).

Estes pensamentos podem ser rapidamente relacionados a nossa sociedade, onde um povo que por séculos era visto como inferior, sendo vendido como mercadoria e tratado como escravo, passa a ser, de maneira brusca, “livre” de todas as amarras que os prendiam. Para aquele que está no poder, ter de aceitar e respeitar costumes e culturas de alguém que a pouco tempo era considerado por ele como inferior, é algo que dificilmente ocorrerá de maneira limpa e justa.

Quando se entra em um campo onde a luta se dá entre diferentes aspectos da sociedade, é normal que o elo mais frágil saia derrotado. No caso do Brasil, o elo mais fraco é a população negra, que tem seu espaço de representatividade reservado apenas para momentos em que é benéfico para a branquitude. Normalmente, quando se vê rostos negros em uma novela, dificilmente estão na posição de protagonista, sendo predominantemente retratados em papéis secundários, como personagens de alívio cômico, como a personagem interpretada por Cacau Protásio em “Avenida Brasil”, a empregada doméstica Zezé, que fez sucesso com o público ao fazer a cena que ficou marcada pela música que a personagem canta com o refrão “Quero ver tu me chamar de amendoim”.

No campo do jornalismo, Clara Albuquerque (2016), afirma que a invisibilidade dos afrodescendentes no telejornalismo brasileiro, principalmente em relação às mulheres, pode se dar por meio da dificuldade de aceitar o diferente. Nesse caso, “diferente” está relacionado ao fato de as pessoas não estarem acostumadas a ligarem suas televisões e verem jornalistas que não se enquadram no padrão europeu apresentando as notícias. Para alguns espectadores, a presença destes profissionais pode causar desconforto e até mesmo repulsa e, por isso, podem sofrer ataques virtual e pessoalmente.

Albuquerque (2016) também afirma que sistemas de cotas implementados no país auxiliaram para a formação de jornalistas negros no Brasil, assim, colocando profissionais que representam este povo no mercado de trabalho. Então, se há profissionais afro-brasileiros no mercado de trabalho, em escalas maiores do que no passado, e estes ainda não ocupam lugares na TV brasileira, pode se deduzir que este espaço ainda segue padrões eurocentristas, e que as

raras exceções muitas vezes servem como uma cortina falsa para representar uma democracia racial brasileira, que é inexistente na prática.

Para mudar esta situação, é necessário incluir cada vez mais profissionais negros no telejornalismo, para reforçar a luta contra estereótipos e invisibilidade negra. A telenovela no Brasil contemporâneo reflete uma situação de racismo não explícito característico da ideologia racial praticada na nossa sociedade. Um racismo do qual as pessoas nem têm consciência e que é tão ambíguo como as próprias relações raciais, com momentos de avanço e de retrocesso (FAPESP, 1998).

Fora dos contextos estereotipados, a população negra, salvo raras exceções, não existe na mídia. Se não estiver em situação carente, criminal ou marginalizada, o afrodescendente não tem voz ativa para dar depoimento, porque ele não é a principal escolha imagética nos noticiários – a preferência continua dominada pela pele clara (ALBUQUERQUE. 2016, p.19).

Para Melo (2016), embora o Brasil tenha um grande número de indivíduos pertencentes à população negra, esse grupo social não é representado de maneira proporcional nas telenovelas. Na grande maioria das produções existem poucos negros, e esses poucos quase sempre aparecem em papéis submissos e/ou reforçando estereótipos, e interpretam papéis que normalmente tem pouco destaque na trama. Mesmo que a TV tenha chegado ao Brasil em 1950, foi somente em 1997 que tivemos a primeira protagonista negra em uma novela, protagonizada por Taís Araújo, que interpretou ‘Xica da Silva’ em novela de mesmo nome, transmitida pela TV Manchete em 1997. Anos depois, em 2004, a atriz faria história novamente, ao interpretar ‘Preta’, em *A cor do pecado*, da Rede Globo, se tornando a primeira negra a protagonizar uma novela da emissora. Após este marco, Taís Araújo se tornou um ícone importante da representatividade negra na televisão brasileira, mas ainda assim vemos esta situação mais como exceção do que regra na TV brasileira.

[...]a maioria das atrizes e atores negros interpretam papéis secundários; empregadas, motoristas, jardineiros, capangas etc. Muito ainda precisa ser feito com relação a representação dos negros nas telenovelas. (MELO. 2016, p.4).

De acordo com o estudo “Onde está o negro na TV pública”, da Fundação Cultural Palmares (2007), a programação das TVs Públicas expressa um baixo perfil de reflexão sobre o pluralismo cultural brasileiro. Ela deixa especialmente de incorporar as matrizes étnico-raciais negra e indígena, vertentes que imprimiram, na fusão com a cultura européia, a originalidade da cultura brasileira e o grande patrimônio simbólico deste país.

Quando trazemos para o jornalismo esta presença é mais incomum e limitada do que nas novelas. Para Albuquerque (2016), observa-se que a presença dos jornalistas negros nas emissoras de televisão com canal aberto é ínfima, enquanto, em paralelo, os brancos dominam nas bancadas e nas reportagens. A falta de diversidade étnica no telejornalismo brasileiro torna-se um impasse na construção de uma sociedade mais igualitária, já que os afrodescendentes não se veem nesse espaço, portanto não se sentem devidamente representados.

Os poucos rostos negros presentes no jornalismo, costumam ser reservados para situações de eventos culturais como o Carnaval, ou quando em pautas direcionadas e eventos de diversas naturezas em comunidades das periferias das cidades brasileiras, seja para tratar de assuntos sociais presentes no local, ou para registrar momentos de violência. Mas para Clara Albuquerque (2016), em histórias comuns, pessoas negras não são a primeira opção como fontes para jornalistas (esta afirmação também se encaixa na escolha de jornalistas). Por isso, raramente afrodescendentes são entrevistados como especialistas dos assuntos ou como “personagens da vida real”.

Ao se tratar do fazer jornalismo, Portal (2016) cita que o processo de construção da grade de programação voltada ao público negro, ao longo do tempo, tem se mostrado mais diversificado, o que não significa necessariamente produções positivas ou relevantes.

Garantir o direito à igualdade e a não discriminação a todo cidadão brasileiro é constitucional, porém as faces que a grande mídia utiliza para tais veiculações são questionáveis. A Lei 4.117 do Código Brasileiro de Telecomunicações coíbe a prática de racismo sob pena de suspensão do funcionamento das empresas de comunicação. Isso, porém, não assegura a livre expressão da mulher negra atuando em programas jornalísticos, por exemplo. (PORTAL, 2016, p.3).

Ao se utilizar de influências do eurocentrismo para padrões jornalísticos, ocorrem situações como preferência para a cor da pele, traços físicos e cabelos, que de uma perspectiva eurocentrista, acaba por evitar a presença de pessoas negras neste espaço. Portal (2016) chama esta ação de embranquecimento midiático.

Como se sabe, o racismo não está ligado à ignorância e sim à disputa de território, ocupação de espaço. Ou seja, é necessário desterritorializar e oferecer ao afrodescendente um lugar que contribua para a valorização da sua importância na sociedade. Se o Brasil foi construído principalmente por mãos africanas, o país tem o dever de exaltar a população negra, oferecendo, em todas as esferas sociais, condições de existência digna. (ALBUQUERQUE, 2016, p.52)

Mas este cenário, apesar de dominante, é combatido há mais de um século. ‘Imprensa negra’, é como se chamava o trabalho dos jornalistas membros da comunidade negra. Este tipo de jornalismo foca em histórias que são de interesse para a comunidade negra, e muitas vezes fornece uma perspectiva única sobre as notícias. Os jornalistas negros têm desempenhado um papel vital ao chamar a atenção para questões importantes que afetam a comunidade negra, e continuam a ser uma voz poderosa para a mudança.

Para Oliveira (2017), a imprensa negra atuou como um espaço de resistência no pós-abolição, por fazer frente a estigmas e estereótipos negativos construídos e auxiliar na formação de uma nova percepção dos próprios indivíduos. Tem-se argumentado que o jornalismo negro exerce um papel crítico no desenvolvimento da sociedade e cultura africana ao redor do mundo. No Brasil, estima-se que desde o século XIX, a Imprensa Negra atua, denunciando a situação da população afrodescendente no país.

Do século XIX até o século XXI, a imprensa brasileira sofreu várias influências dos jornais europeus e norte-americanos, e dentre essas influências está a Imprensa Alternativa Negra (IAN) que consistia em jornais que, de modo geral, denunciavam as condições sociorraciais da população afro-brasileira. (NUNES, et al, 2022, p.2).

Araújo (2019) compreende a imprensa negra a partir do conceito de veículos de comunicação especializados na temática racial, na luta contra o racismo e comprometidos com a construção de narrativas negras sobre os diversos assuntos (economia, política, esportes, cultura, dentre outros). Para o autor, a imprensa negra tem um papel fundamental ao construir narrativas sobre os acontecimentos históricos relacionados ao povo negro, nas quais destacam o protagonismo das figuras negras, que raramente encontram espaço nos veículos de comunicação tradicionais.

A partir da análise de Araujo (2019), podemos considerar a imprensa negra como uma vertente do jornalismo que atua na construção de uma memória da população negra, pautada por uma relação de proximidade ao povo negro, utilizando sua narrativa e visão do mundo, partindo desde o resgate de um povo antes escravizado, para expor as necessidades e pensamentos de pessoas que hoje ainda vivem as consequências do descaso, preconceito e invisibilidade que os negros sofrem em toda sua história.

É possível considerar que a imprensa negra contribui para uma memória diferenciada sobre a negritude brasileira, principalmente, por construir narrativas buscando a visão de mundo do povo negro, valorizando a cultura negra, ainda que a temática não seja racial, contribuindo assim com as discussões realizadas na sociedade. (ARAUJO. 2019, p. 227.)

Ao utilizar o jornalismo como ferramenta de conscientização social, pode-se contestar questões como a ideologia racista, a branquitude e a democracia racial. Não apenas com o objetivo de informar, busca-se denunciar o racismo e divulgar as ações positivas ao povo negro, servindo como espaço de fala para este grupo social.

3. JORNALISMO NEGRO NA TELEVISÃO GAÚCHA

O Jornalismo negro existe no Brasil há quase 200 anos, e foi criado alguns anos após os primeiros passos da imprensa no país. O primeiro impresso a ser publicado no país, foi o *Correio Braziliense*, lançado dia 01 de junho de 1808, mas a elaboração deste jornal foi realizada em Londres, na Inglaterra, e por este motivo, seu posto como pioneiro é discutido, devido ao fato do impresso *Gazeta do Rio de Janeiro*, publicado no dia 10 de setembro do mesmo ano, ter sido o primeiro a ter todo seu processo de elaboração realizado em terras brasileiras. Apesar da disputa entre ambos sobre o título, quem acabou ganhando foi o *Correio Braziliense*. De acordo com Oliveira (2017), algumas das principais referências historiográficas a respeito da história do jornalismo no Brasil não apresentam em seus estudos qualquer tipo de menção à existência de uma imprensa negra no Brasil.

Depois de cerca de vinte e cinco anos do início da imprensa brasileira começou a circular os impressos de cunho racial no Brasil. No entanto, entre diversos estudos a respeito da imprensa, a produção cultural da comunidade negra continua a ser ignorada por muitos, enquanto parte da história do jornalismo brasileiro. (OLIVEIRA. 2017, p.2)

Os primeiros jornais impressos de cunho racial no país datam de 1833, na cidade do Rio de Janeiro, e questionavam o descaso com o povo negro, que mesmo possuindo sua liberdade, ainda eram destratados na sociedade (Oliveira, 2017). O primeiro impresso com estas características a ser publicado foi o pasquim *O Homem de Cor*, no dia 14 de setembro, produzido pelo impressor e editor Francisco de Paula Brito (1809 - 1861), que era filho e neto de escravos libertos. De acordo com Oliveira (2017), Paula Brito foi aprendiz da Tipografia Nacional, e, em 1831 adquiriu de um parente uma papelaria, a qual o editor transformaria em tipografia e batizaria de *Typographia Fluminense*, e no futuro publicaria diversas obras de Machado de Assis. Em seus impressos, Brito criava debates sobre a precariedade da liberdade e o descaso com a cidadania dos povos negros, explicitando discussões raciais. De acordo com Chalhoub (2012, apud Oliveira, 2017, p2), até 1860 todos que tivessem a pele escura e fossem detidos pela polícia, julgando serem escravizados, mesmo que liberto ou livre, permaneciam como escravizados até que conseguissem comprovar o contrário.

Oliveira (2017), cita como exemplo a capa da primeira edição do pasquim, onde é citada e criticada a proposta apresentada pelo presidente da província de Pernambuco, Manuel Zeferino dos Santos, na qual expunha a vontade de distribuir de maneira “diferenciada e hierarquizada os cargos públicos entre os cidadãos de acordo com a tonalidade da pele” (*O Homem de Cor*, 14/09/1833, p.01). A proposta tinha claros objetivos de manter um controle

de classes e segregação racial, ao hierarquizar os cargos e manter a população negra em subalternidade, mesmo estes já sendo cidadãos libertos, pois o funcionalismo público era uma das alternativas nas quais os libertos poderiam melhorar sua qualidade de vida.

Nesse sentido, a imprensa negra se tornou um espaço tão importante (mais um) para a resistência da gente negra no pós-abolição, por fazer frente a estigmas e estereótipos negativos construídos em relação à população de cor escura e auxiliar na formação de uma nova percepção dos próprios indivíduos. Ao se deparar com o racismo da sociedade, os integrantes desta imprensa buscaram meios de se unir para enfrentá-lo. (OLIVEIRA. 2017, p.3)

Após o início dado por Paula Brito, outros periódicos começaram a aparecer em todo o Brasil, buscando dar espaço e voz para as pautas e interesses da população negra. Oliveira (2017) cita que com a criação de mais jornais de cunho racial, tornou-se visível que parte da população negra estava insatisfeita, e que mesmo não sendo considerados politicamente, estavam utilizando o espaço para apresentar suas opiniões e posicionamentos.

Para Oliveira (2017), diante de todos os problemas vivenciados no pós-abolição, a imprensa negra foi mais uma estratégia de luta, visto que, o enfrentamento ao sistema que oprimia os sujeitos negros não era feito somente pelo uso da força física. Estes escritos abrem precedentes para que pesquisadores entendam como se dava a luta social, comportamentos, valores e ideias deste povo, enquanto também registram uma trajetória e ação de personagens em busca de melhores condições de vida.

Os escritos deixados nesses semanários permitem muitas considerações sobre o comportamento, as ideias, os valores e os princípios, além de registrar a atuação de diversos personagens que buscavam uma melhor condição de vida para a população de tez escura.

Devido a dificuldades financeiras, *O Homem de Cor* circulou apenas em 1833, e por visar as camadas mais baixas da população, o apoio financeiro era difícil. Não era incomum nestes tipos de produções, que os redatores aplicassem dinheiro de seus bolsos, proveniente de outro tipo de renda, uma vez que a maioria desempenhava outras atividades profissionais. (Oliveira, 2017).

A partir do século XX, com o desenvolvimento do processo de impressão, acabou por mudar esta situação. De acordo com Rüdiger (2003), o jornalismo, visando aumentar a sua circulação, investiu em tecnologia gráfica, pois era um empreendimento capitalista que buscava o lucro. Anteriormente, os jornais que não eram lançados por iniciativa própria, nasceram sob patrocínio ou subvenção do Estado, que precisava estabelecer uma comunicação com a classe letrada ascendente, cuja atividade era fonte econômica de seu poder. No Rio Grande do Sul, o jornal *Correio do Povo* foi o primeiro a realizar este processo,

passando a se comportar como uma empresa (RÜDIGER, 2003).

O primeiro jornal a ser publicado no estado do Rio Grande do Sul pela imprensa negra foi *O Exemplo*, em 1892, na cidade de Porto Alegre, quatro anos após a abolição. O jornal circulou de 1892 até 1930, e tinha como objetivo abrir discussões sobre como combater a invisibilidade do povo negro no estado e de luta contra o racismo. Neste momento, se iniciava um pequeno processo de representação deste povo no jornalismo, que começaria a colher seus frutos muitas décadas depois. No Rio Grande do Sul, um dos motivos para o crescimento desta imprensa, pode ter sido a insatisfação quanto a invisibilidade do povo negro no estado. Devido a falta de representação no jornalismo tradicional do estado, e o preconceito que muitas vezes estereotipava os negros através dos mesmos, a imprensa negra acabou se tornando um movimento natural para lidar com a situação, criando um meio de comunicação que abordasse seu lado da história. Para Oliveira (2017) os jornais negros foram uma resposta para a situação que os negros vivenciavam.

O negro foi deixado de lado nas memórias do estado (e a importância da mulher negra foi ainda mais invisibilizada), tendo suas histórias simplificadas, primeiro, para dar lugar à construção de uma escravidão amena diferente do restante do país e, em segundo, para a elaboração do mito de uma sociedade branca de origens europeias. (OLIVEIRA. 2017, p.5)

Outro impresso que deve ser destacado, devido a sua importância na luta do povo negro através da imprensa no Rio Grande do Sul, foi o jornal *A Alvorada*, da cidade de Pelotas, que focava na situação dos negros na região sul do estado. O destaque fica para a longevidade do periódico, que circulou de 1907 até 1965, lutando contra a discriminação racial, promovendo a divulgação de ideias e defendendo os operários pelotenses (Oliveira, 2017).

De acordo com Oliveira (2017), a imprensa negra permite entender as lógicas culturais, sociais e políticas conferidas por estes indivíduos. Além da cotidianidade de cerceamentos que acarretavam nas dificuldades e barreiras sociais, que gerava diferentes maneiras de enfrentamentos, inclusive as mais sutis.

No discurso do senso comum, o Rio Grande do Sul é visto como um estado sem negros. Isso se deve a caracterização do local como um reduto europeu no Brasil, dado seu clima mais frio e a presença de um número considerável de descendentes de alemães e italianos. Tais perspectivas, por suas vezes, são parte integrante da construção de um imaginário gaúcho sobre si mesmo que excluiu o negro do seu processo de formação identitária. (DIHL, 2016, p. 79)

É explícito que grande parte da luta da imprensa negra no Rio Grande Do Sul vem da

falta de representatividade do povo na mídia. Com o passar do tempo, esta situação, mesmo que suavemente, diminuiu, em relação ao olhar para o povo negro no jornalismo. Atualmente, o grande desafio está em inserir mais profissionais negros nos veículos jornalísticos do estado.

De acordo com Bandeira (2021), apenas 5,97% dos jornalistas que atuam nas principais emissoras de Tv do Rio Grande do Sul são negros, o que representa apenas 8 entre 134 profissionais. Tal informação explica muito bem o motivo de, ao ligar a tv, o telespectador gaúcho raramente encontrar um rosto negro na tela, seja como repórter ou apresentador.

No Sul do Brasil, no estado com a segunda maior população branca do país, apenas atrás de Santa Catarina, encontrar essa representação ainda não é tão fácil. Quando se fala de representação negra, pensar em Rio do Grande do Sul é como pensar em uma aldeia distante de tudo, onde as mensagens e as mudanças ainda demoram a impactar e serem aceitas pela população. (BANDEIRA, 2021, p.43)

Apesar do baixo número de profissionais, o problema não passa apenas pelo fato dos números estarem baixos. Temos como exemplo o fato de que uma das grandes vitórias dos jornalistas negros no estado aconteceu mais de um século depois desta luta iniciar. O RBS Notícias o principal jornal da Rede Brasil Sul de Televisão (RBS TV), e existe há quase 40 anos, contudo o primeiro rosto negro em sua bancada de apresentadores ocorreu 37 anos após o surgimento do jornal. A jornalista Fernanda Carvalho, de 42 anos, compartilhou a bancada com Elói Zorzetto no dia 18 de janeiro de 2020, se tornando a primeira jornalista negra na bancada do programa.

Este ponto é muito importante para demonstrar que, de fato, a luta dos negros pela representatividade acabou colhendo os frutos, mas ao mesmo tempo, para uma luta que existe há mais de um século, a vitória ainda mostra o quão longe a luta está do seu fim. Ser apenas 5,9% de todos os atuantes na TV gaúcha mostra que o espaço está longe de ser o ideal. Quando se olha pela forma como estes profissionais são utilizados, no dia a dia se vê um foco em temas como cultura, esporte e matérias que de algum modo se envolvam com a periferia da cidade.

Um exemplo de que esta divisão existe costumava aparecer com grande frequência nas telas do Jornal do Almoço, da RBS TV. O Jornalista Manoel Soares atuou como repórter do Jornal do Almoço de 2002 a 2017, e ficou conhecido por suas pautas que, em grande maioria, mostravam acontecimentos culturais e sociais das periferias de Porto Alegre, sendo ele um pilar de ligação do jornal com as periferias da capital. Vindo das periferias de Salvador, na Bahia, o sucesso e carisma de Manoel no Jornal do Almoço foi tão grande, que o levou à TV

nacional, ganhando espaço como participante fixo no programa da Rede Globo *Encontro com Fátima Bernardes*, que convidou o repórter para fazer parte de sua equipe, pois gostaria que o apresentador realizasse o mesmo trabalho social que fez com o jornalismo em Porto Alegre, nas periferias de São Paulo. O programa durou até junho de 2022, quando a apresentadora Fátima Bernardes deixou o programa, sendo substituída por Patrícia Poeta, e assim o programa sendo renomeado para *Encontro com Patrícia Poeta*, que ainda conta com Manoel Soares como um dos apresentadores.

O grande problema que se percebe, remete ao fato de que o número de jornalistas negros que ganharam destaque no jornalismo gaúcho é mínimo, seja atuando em reportagens, ou em ocasiões especiais, e esta escassez se deve ao baixo número de jornalistas negros nas emissoras gaúchas. Silva (2020), cita como exemplo da falta de representatividade do estado, o programa especial da GloboNews, que, ao se tratar da cobertura sobre o assassinato de George Floyd, homem negro asfixiado por um policial nos Estados Unidos, escalou cinco jornalistas negras para discutir sobre racismo durante o programa, que também contou com um apresentador negro.

Cento e trinta e dois anos depois da abolição da escravização, se fosse o caso de realizar um programa nos moldes do da GloboNews, a RBSTV não conseguiria, pois quase não há profissionais negros na função de repórter. Aliás, não seria possível tal proeza nem se juntassem todas as emissoras de canal aberto do Rio Grande do Sul tamanho é o abismo entre a quantidade de jornalistas negros e de outras etnias no Estado. (SILVA, 2020, p.12).

Para Silva (2020), a TV atua como um veículo de forte impacto social, pois alcança grande parte da população brasileira, e que o jornalismo pode se aproveitar deste fato para agir em favor da luta contra o racismo, contudo esta mídia o utiliza para reforçar esta situação, utilizando como uma das formas de manter esta desigualdade a própria falta de profissionais negros atuando no telejornalismo. De acordo com o autor, a baixa porcentagem de jornalistas negros nas redações e na televisão, onde a imagem é determinante (para a representatividade), é quantificável através de dados do IBGE, onde em 2015, o instituto apontava que apenas 12,8% dos negros entre 18 e 24 anos chegavam nível superior de ensino, e que se não fosse a implantação das cotas raciais em 2005, os números seriam ainda menores, com apenas 5,5% de presença negra no ensino superior após um ano da lei ser implementada.

No estudo *'A gente não se vê por aqui: o jornalista negro no maior grupo de comunicação do Rio Grande do Sul'*, Bandeira (2021), ao apontar a baixíssima representatividade de profissionais na TV, explicita que mesmo sem ser intencional, esta situação persiste. No caso da RBS TV, que anteriormente possuía apenas 3 profissionais

negros em sua equipe, após um ano do estudo, este número aumentou em 1, em observação relatada nesta pesquisa. Ao mesmo tempo que se pode considerar este acréscimo como uma vitória, ao observar o escopo completo ainda estamos longe de uma representatividade considerada ideal, quando tratamos de números.

A ausência e exclusão de negros e negras nos espaços de produção de conhecimento e de discurso jornalístico e midiático em geral, é mais um fator de necessidade de se combater o racismo no Brasil, passando pela regulação da mídia eletrônica, e de manter permanente perspectiva crítica quanto a ausência de negros e negras na produção áudio-visual. (LIMA; MUNIZ, 2018, p. 119)

Silva (2020) aponta que, além dos números, a ausência de negros em posições de destaque explica o chamado racismo estrutural, enraizado no modelo socioeconômico brasileiro que, por exemplo, paga salários menores para negros.

Tal acontecimento como o de Fernanda Carvalho levanta pontos importantes na história do telejornalismo gaúcho. Ao termos a primeira jornalista negra apresentando um telejornal, se abre um espaço que há anos não se imaginava ser possível. Após anos da imprensa negra gaúcha lutar para ter o próprio espaço realizando produções independentes de jornais, devido à falta de visibilidade dos negros no jornalismo tradicional, ver uma mulher negra ganhando o merecido destaque traz uma grande vitória para a luta dos negros no estado, e ao mesmo tempo relembra que a luta está longe de acabar, em busca de um espaço onde se possa retratar, sem amarras e preconceitos, a realidade através dos olhos do povo negro.

4. O MOVIMENTO NEGRO E A CONTESTAÇÃO DA INVISIBILIDADE

O termo raça pode ser visto como uma construção social, que é utilizada no dia a dia para dividir as pessoas, baseada nas diferenças físicas entre elas. Em certos aspectos da sociedade, esta diferença é utilizada como arma para a desigualdade social. De acordo com Bandeira (2021):

Primeiro, é importante ressaltar que raça não é um conceito biológico, mas um termo político. É como se cada raça, do mais claro ao mais escuro, andasse com um cartão de identificação por todos os lugares. Alguns cartões são maiores e mais nítidos que outros. Eles impedem que aqueles que o carregam atravessem a sociedade sem serem percebidos, seja nas entrevistas de emprego, na porta do banco e mesmo ao andar sozinho na rua. Para outros, esse cartão é transparente, invisível. Talvez, aquele que o carrega nem saiba que esse cartão exista. Sendo assim, as suas vantagens e desvantagens por carregar essa identificação não são atribuídas ao seu cartão, mesmo que ainda estejam lá. (BANDEIRA, 2021, p.11).

Buscando mudar este tipo de pensamento e prática, o Movimento Negro Brasileiro surge, buscando, das mais diversas formas, De acordo com Lima (2019), o movimento negro brasileiro busca trazer o debate sobre racismo ao público, para assim ressignificar e politizar a raça. O movimento negro utiliza a raça não apenas como forma de mobilizar as pessoas, mas também como um ponto de reivindicações políticas. A raça é um fator para a organização dos negros em busca de seus objetivos. O Movimento Negro pode ser visto como forma de organização de pessoas negras em uma luta politizada contra o racismo. De acordo com Gomes (2019) o Movimento Negro centraliza a raça como uma construção social, ressignificada e politizada, trazendo uma nova interpretação histórica.

Após a abolição da escravatura, os negros, agora libertos, viram-se largados ao relento, em uma sociedade que não os aceitava como iguais. Largados sem nenhuma segurança financeira e social por parte do governo, a população negra, além da falta de rumo, sofreu forte marginalização. De acordo com Domingues (2007), os negros libertos e ex-escravos, ao tentarem se proteger e combater a marginalização social, cultural e econômica que sofriam, iniciaram diversos movimentos de mobilização racial ao redor do país.

Em todo o Brasil, grupos como o *Club 13 de Maio dos Homens Pretos, em São Paulo, a Sociedade Progresso da Raça Africana, em Santa Catarina, e a Sociedade de Socorros Mútuos Princesa do Sul, esta no Rio Grande do Sul, e formada por mulheres negras, reuniram* números significativos de pessoas, que lutavam por direitos e visibilidade para o povo negro, no início do século XX. No mesmo período, a imprensa negra atuava como uma forma de transmitir os pensamentos e críticas desta população, algo que não tinha espaço nos veículos tradicionais da época (Domingues, 2007).

Na década de 1930, o movimento negro ganhou mais força no país, com a criação da Frente Negra Brasileira (FNB), que de acordo com Domingues (2007), foi uma das primeiras organizações negras com reivindicações políticas mais deliberadas.

Na primeira metade do século XX, a FNB foi a mais importante entidade negra do país. Com “delegações” – espécie de filiais – e grupos homônimos em diversos estados (Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia),¹⁹ arregimentou milhares de “pessoas de cor”, conseguindo converter o Movimento Negro Brasileiro em movimento de massa. (DOMINGUES. 2007, p. 106)

Além de atuar na política, a Frente Negra Brasileira promovia a educação e o entretenimento de seus membros, além de criar escolas e cursos de alfabetização de crianças, jovens e adultos (GOMES, 2019). De acordo com Nilma Lino Gomes (2019), o movimento visava, também, a integração dos negros na vida social, política e cultural, denunciando as formas de discriminação racial existentes na sociedade brasileira daquele período. Para Gomes (2019), A Frente Negra pode ser considerada, também, como uma articuladora, sistematizadora de saberes emancipatórios, principalmente os políticos, sobre a realidade dos negros brasileiros da época. A *FNB* chegou a se tornar um partido político em 1936, mas acabou sendo extinta no ano seguinte, em decreto assinado pelo então presidente, Getúlio Vargas, que extinguiu todos os partidos políticos do Brasil.

Anos depois, em 1944, o *Teatro Experimental do Negro (TEN)*, assumia um posto importante no movimento negro brasileiro, ao contestar a discriminação racial, formar atores e dramaturgos negros e resgatar a herança africana na sua expressão brasileira (Gomes, 2019). Dentro das ações deste grupo, estava a alfabetização de seus membros, que vinham em sua maioria de classes sociais baixas. O TEN durou até 1968, e neste período deixou herança na luta pela visibilidade do povo negro nas cenas culturais, artísticas, de literatura e na mídia.

Para Domingues (2007), o golpe militar de 1964 representou uma derrota, ainda que temporária, para a luta política dos negros. Ele desarticulou uma coalizão de forças que palmilhava no enfrentamento do “preconceito de cor” no país. Durante este período, os militantes do movimento negro eram acusados pelo governo militar de lutar por um problema que não existia no país, ao mesmo tempo, a “caça as bruxas” dos militares contra o comunismo, acabava por afetar, mesmo que indiretamente, a mobilização do movimento, que foi se reorganizar ao final da década de 1970, com a criação de diversas iniciativas ao redor do país.

Entretanto, tais iniciativas, além de fragmentadas, não tinham um sentido político de enfrentamento com o regime. Só em 1978, com a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), tem-se a volta à cena política do país do movimento negro organizado. (DOMINGUES. 2007, p. 112)

Devido a fragmentação, que tornava tais movimentos pouco eficazes, em 1970 várias entidades do Movimento Negro se articularam de forma inédita e fundaram uma organização de caráter nacional. Em 18 de junho de 1978, em São Paulo, surgiu o Movimento Unificado Contra a Discriminação Étnico-Racial (MUCDR), que hoje é conhecido como *Movimento Negro Unificado (MNU)*, e ainda está em atividade. De acordo com Gomes (2019), o MNU talvez seja o principal responsável pela formação de uma geração de intelectuais negros que se tornaram referência acadêmica na pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil. Com o processo de redemocratização brasileira na década de 1980, últimos anos da ditadura militar, um perfil do movimento negro brasileiro começou a surgir, focado na educação, com ativistas da causa chegando a formações de graduação, mestrado e doutorado, unindo a sua vida acadêmica as reivindicações do povo negro e formando intelectuais com especialidades que auxiliam o movimento negro brasileiro até hoje. De acordo com Domingues (2007), o embrião do MNU foi a organização marxista Convergência Socialista:

Havia, na Convergência Socialista, um grupo de militantes negros que entendia que a luta anti-racista tinha que ser combinada com a luta revolucionária anticapitalista. Na concepção desses militantes, o capitalismo era o sistema que alimentava e se beneficiava do racismo; assim, só com a derrubada desse sistema e a consequente construção de uma sociedade igualitária era possível superar o racismo. (DOMINGUES. 2007, p. 112)

Para Gomes (2019), é possível dizer que até a década de 1980 a luta do Movimento Negro, no que se refere ao acesso à educação, possuía um discurso mais universalista. Porém, à medida que este movimento foi constatando que as políticas públicas de educação, de caráter universal, ao serem implementadas, não atendiam à grande massa da população negra, o seu discurso e suas reivindicações começaram a mudar. De acordo com a autora, neste período o movimento começou a constatar a ineficácia das políticas públicas de educação universal, em relação ao atendimento à população negra. Com este acontecimento, as ações, antes de afirmação, passaram a mudar para demandas reais e radicais, principalmente em relação a cotas raciais.

A partir dos anos 2000, o Movimento Negro intensificou ainda mais o processo de resignificação e a politização da raça, levando a mudanças internas na estrutura do Estado

como, por exemplo, a criação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), em 2003 (GOMES, 2019). Um fato marcante na história do Movimento Negro Brasileiro, fica para sua participação na *III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância*, realizada pela *Organização das Nações Unidas (ONU)*, na cidade de Durban, África do Sul, de 31 de agosto a 8 de setembro de 2001. Ao ser signatário do Plano de Ação de Durban, o Estado brasileiro reconheceu internacionalmente a existência institucional do racismo em nosso país e se comprometeu a construir medidas para sua superação (GOMES, 2019).

Foi também no início do terceiro milênio que uma demanda educacional do Movimento Negro desde os anos de 1980 foi nalmente contemplada. Em 2003 foi sancionada a Lei 10.639/03, incluindo os artigos 26-A e 79-B da LDB e tornando obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas dos ensinos Fundamental e Médio. Regulamentada pelo Parecer CNE/CP 03/04 e pela Resolução CNE/CP 01/04, essa lei foi novamente alterada pela Lei 11.645/08, com a inclusão da temática indígena. (GOMES, 2019, p. 32)

Este curto resgate da história e atos do Movimento Negro Brasileiro evidencia uma luta de séculos para melhoras as condições da população negra no país. Desde o início, após a abolição da escravatura, até os dias atuais, vemos um grande foco, em todas as áreas de atuação do movimento, para melhor acesso e visibilidade dos temas, pensamentos e necessidades deste grupo, em um país que historicamente construiu seu racismo em todos os aspectos da sociedade. Para Gomes (2019), o racismo brasileiro, afirmado na própria negação de sua existência, está cristalizado na estrutura de nossa sociedade. Essa invisibilidade aparente é ainda mais ardilosa, pois se dá via mito da democracia racial, uma construção social produzida nas plagas brasileiras. Para a autora, um dos méritos do Movimento Negro ao longo dos tempos tem sido o fato de desvelar esse discurso e, ao fazê-lo, colocar a sociedade brasileira cara a cara com o seu racismo.

É por intermédio das múltiplas modalidades de protesto e mobilização que o movimento negro vem dialogando, não apenas com o Estado, mas principalmente com a sociedade brasileira. A trajetória desse movimento vem se caracterizando pelo dinamismo, pela elaboração e reelaboração, em cada conjuntura histórica, de diversas estratégias de luta a favor da integração do negro e erradicação do racismo na sociedade brasileira. (DOMINGUES. 2007, p. 122)

É notável que a organização do Movimento Negro atua tanto em questões políticas, religiosas, como também em ações escolares, culturais e artísticas, visando superar o racismo e as barreiras raciais impostas aos negros na sociedade. O Movimento Negro é caracterizado

por uma postura política de combate ao racismo em todas suas formas e contextos e atua como um grande ator coletivo e político, que reúne diversos atores sociais, culturais e políticos, ao redor do país, para construir, sistematizar e compartilhar os saberes da história negra, realizar reivindicações nos âmbitos da educação, política e outros aspectos sociais.

Além de lutar contra o racismo, a violência e pelo desenvolvimento de políticas afirmativas, a negritude brasileira sempre foi combativa na desmistificação de algumas concepções criadas sobre a escravidão, o comportamento dos negros escravizados e de seus descendentes. As teorias racistas e a ideologia da democracia racial colaboraram com a criação de verdadeiros mitos sobre a questão negra no Brasil, que sempre dificultaram uma compreensão ampla na sociedade sobre a necessidade de se discutir a temática racial, o enfrentamento ao racismo e necessidade de propor políticas públicas afirmativas. (ARAUJO. 2019, p. 222.)

Para Lima (2019), na luta pela superação desse quadro de negação de direitos e de invisibilização da história e da presença de um coletivo étnico-racial que participou e participa ativamente da construção do país, o Movimento Negro, por meio de suas principais lideranças e das ações dos seus militantes, elegeu e destacou a educação como um importante espaço-tempo passível de intervenção e de emancipação social, mesmo em meio às ondas de regulação conservadora e da violência capitalista. Então, é possível notar a importância do Movimento Negro Brasileiro em todos os períodos de atuação na história brasileira, desde reunir os negros recém livres da escravidão para buscarem condições básicas de vida, a fazer o mesmo país que os escravizou por mais de 300 anos, reconhecer para todo o mundo a existência institucional do racismo, e se comprometer a resolver esta questão que, mesmo de maneira lenta, é possível notar que está acontecendo. A grande vitória se dá ao expor e retirar, mesmo que ainda não completamente, o povo negro da invisibilidade social, política e cultural que se encontravam desde a sua chegada.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com Gil (2008), a ciência tem como objetivo fundamental chegar à veracidade dos fatos. Neste sentido não se distingue de outras formas de conhecimento. O que torna, porém, o conhecimento científico distinto dos demais é que tem como característica fundamental a sua verificabilidade. Para que esta verificação seja realizada de maneira correta, são utilizados os métodos científicos, que servem como guia para que uma pesquisa seja considerada científica, verídica, e válidas para a sociedade acadêmica.

Para que um conhecimento possa ser considerado científico, é necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam sua verificação, em outras palavras, determinar a metodologia utilizada durante o processo de descoberta deste conhecimento. (GIL, 2008, p.8)

Com base nas informações acima, o presente estudo trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, realizada em formato de monografia, que possui a finalidade de analisar o papel no qual os jornalistas negros vêm atuando no telejornalismo do Rio Grande do Sul, ao utilizar o telejornal “Jornal do Almoço”, da RBS TV, como conteúdo analisado, durante os dias 1 de julho a 16 de julho de 2022, utilizando as técnicas de análise de conteúdo apresentadas por Laurence Bardin (2016). Este período foi selecionado pois trata-se de duas semanas em que não ocorreram eventos de grande impacto, podendo alterar a programação normal do jornal, e por contar com três finais de semana no período, o que, dentro da programação do Jornal do Almoço, disponibiliza três episódios com coberturas especiais de eventos no estado, que normalmente resultam em alteração de formato e de apresentadores na bancada do programa. Tal alteração pontual de programação, em conjunto com duas semanas de programação normal, gera grande variedade de material de análise sobre a utilização (ou falta) dos jornalistas negros presentes na equipe do programa.

A pesquisa qualitativa será de maneira descritiva, pois irá refletir e apresentar uma visão sobre a representatividade dos jornalistas negros no telejornalismo do Rio Grande do Sul, ao analisar sua utilização no telejornal citado acima.

Para Minayo (2002, p.21) a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, foca em analisar as informações de modo que não pode ser quantificado, analisando motivo, significado e outros aspectos, com foco nos motivos e não nos resultados. A natureza qualitativa foi escolhida para que se possa entender o fenômeno em que se está situada a baixa representatividade dos jornalistas negros na televisão gaúcha.

A diferença entre abordagem quantitativa e qualitativa da realidade social é de natureza e não de escala hierárquica. Enquanto os cientistas sociais que trabalham

com estatística visam a criar modelos abstratos ou a descrever e explicar fenômenos que produzem regularidades, são recorrentes e exteriores aos sujeitos, a abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados. (MINAYO. 2002, p.22).

A utilização da abordagem qualitativa é baseada no fato de que o universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos (Minayo, Maria. 2002, p.21). Apesar de ser notado o baixo número de jornalistas negros presentes nestas emissoras, é necessário refletir sobre sua utilização na emissora, seu significado e quais motivações podem ter sido levadas em conta no momento de tais decisões. A abordagem qualitativa, atrelada a um contexto de invisibilidade e baixa presença de rostos negros na televisão, em conjunto com um passado de preconceito e luta por direitos destas pessoas, ajuda a compreender como os jornalistas negros são apresentados no jornal, se há uma possível relação de sua raça com a pauta em que atuaram, e, caso exista esta relação, se ela é utilizada de uma maneira positiva ou negativa para a imagem do jornalista e para a representatividade deste povo .

Para Bardin (2016) a análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais tênues, em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. Bardin (2016) separa sua metodologia de análise de conteúdo em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Através destas três etapas, o pesquisador pode descrever, analisar e interpretar o conteúdo.

A pré-análise é a fase de organização da metodologia. Nesta etapa, o pesquisador tem como objetivo sistematizar as ideias iniciais, para conduzir de maneira precisa o desenvolvimento das operações, em um plano de análise. Durante a pré-análise, os principais objetivos são: escolher os documentos e materiais que serão analisados, formular as hipóteses e objetivos a serem respondidos, e elaborar argumentos para sustentar a interpretação final. (Bardin, Laurence. 2016, p.125).

Após a preparação realizada na pré análise, inicia-se a exploração do material, que segundo Bardin (2016), consiste na aplicação sistemática das decisões tomadas na fase anterior. Esta fase consiste em operações de codificação, decomposição e enumeração, com objetivo de criar as categorias na qual o material será analisado.

Por último, Bardin (2016) introduz os procedimentos de tratamento de resultados e interpretação, que agem para dar significado e validade aos resultados brutos encontrados. O pesquisador, tendo resultados válidos e significativos em mãos, pode propor inferências e

interpretações a propósito dos objetivos previstos anteriormente, ou que digam respeito a resultados inesperados.

O objetivo da utilização da análise de conteúdo de Bardin (2016), será compreender como os jornalistas negros são utilizados nos telejornais, se há uma possível relação de sua raça com a pauta em que atuaram, e se exista esta relação, ela é utilizada de modo a ser considerado positivo ou negativo para o profissional e para a representatividade dos negros.

O corpus da pesquisa é composto pelos episódios do telejornal Jornal do Almoço, exibido pela RBS TV RS, de segunda a sexta, das 11h45min da manhã até às 12h50min da tarde. Todo material utilizado para a análise do jornal, foi obtido através da plataforma de Streaming Globoplay, criada pela Rede Globo, da qual a RBS TV é filiada, e que possui o acervo de episódios do telejornal, já separados por data. Dentro da plataforma, as edições do jornal podem ser encontradas na íntegra, assim como cada reportagem do episódio específico pode ser encontrada separadamente.

As personagens analisadas foram os telejornalistas Bernardo Barcellos, Fernanda Carvalho, Marck B e Seguidor F, os jornalistas negros que atuam no Jornal do Almoço, e que estavam presentes durante o período analisado. Foi levado em conta para a análise, a função que os profissionais exerceram durante o programa, seja ela de repórter, comentarista e apresentador, cada uma delas usando os seguintes critérios para avaliação: Tema de pauta, Representatividade e Frequência.

O **tema de pauta** foca em saber qual a utilidade da pauta apresentada pelo jornalista, e qual sua relevância em relação ao jornal e ao próprio jornalista, baseado no seu histórico durante o período analisado. Este critério serve para identificar se o jornalista é usado com imparcialidade perante os assuntos em que trabalhou, ou se suas atividades são focadas em um único segmento.

A categoria **Representatividade** avalia como a união de tema da reportagem, com a utilidade da mesma e a presença do jornalista negro nela auxiliam na melhora (ou piora) da representatividade destes jornalistas na TV. Também será avaliado se a presença do jornalista negro nesta pauta pode ser motivada por esteriótipo, ou se a motivação pode ser outra.

A categoria **frequência** foca em analisar a regularidade em que jornalistas negros estão presentes no jornal, durante o período analisado, para assim notar se há possível preterição em comparação com jornalistas brancos durante o mesmo período.

Após realizar a análise de cada um dos jornalistas, seguindo os critérios apresentados durante a elaboração da metodologia, será realizada uma reflexão sobre a utilização destes

profissionais pela RBS TV, levando em consideração a representatividade (ou falta dela) durante o período analisado.

6. ANÁLISE

Para contextualizar a análise, é importante apresentar quais conteúdos e atividades dos personagens foram separados durante a pré-análise e sistematizadas durante a exploração do material, assim como uma contextualização de cada jornalista. Para isso, foram criadas as tabelas abaixo, com informação das atividades e pautas realizadas por cada jornalista analisado, separadas por data. O tempo de cada participação, presente em uma das colunas, foi selecionado como um ponto indicador de quanto tempo os jornalistas receberam em tela durante o programa. Inicialmente, a análise irá focar em cada jornalista individualmente, para que se possa ver a situação de cada profissional, e no próximo capítulo unir os resultados em uma análise geral.

6.1 Bernardo Barcellos

Natural da cidade de Jaguari, Bernardo Barcellos é formado em jornalismo pela Universidade de Caxias do Sul e tem passagens pelo jornal *O Florense* e *Rádio Solaris*, de Flores da Cunha. Apelidado na região de “Nego Ber”, o jornalista reside atualmente em Santa Maria, e desde dezembro de 2021 faz parte do quadro de repórteres da RBS TV em Santa Maria. Atuando como repórter da RBS TV na cidade de Santa Maria, Bernardo acaba por atuar em pautas de toda a região central do estado. Dentro do período analisado, nota-se que, apesar da baixa frequência na qual o jornalista aparece, ele atua em pautas de assuntos variados, todas elas com a função de repórter. Ao avaliar os temas de pauta, foi notado que Bernardo atuou em temas de relevância para a região em que atua, e que a utilização do jornalista nelas é dada de forma imparcial.

O critério de representatividade aponta que, ao ser inserido de forma imparcial no jornal, atuando como uma espécie de ‘correspondente’ do Jornal do Almoço na região, auxilia positivamente na melhora da representatividade dos negros no telejornalismo, pois o profissional é utilizado de maneira livre de estereótipos ou que abra espaço para interpretações preconceituosas.

Ao analisar a frequência na qual o Jornalista aparece, é notável que, apesar de aparecer em apenas três situações ao longo do período analisado, a baixa quantidade de aparições se deve mais ao fato de que a região na qual atua não possui muito destaque no jornal, pois todas as vezes em que a região central foi abordada durante o período, Bernardo foi o repórter a atuar nelas.

Tabela 1 - Aparições de Bernardo Barcellos no período analisado

| Data | Atividade | Pauta | Descrição | Tempo |
|-------------|------------------|---|---|--------------|
| 04/07 | | Ciclista morre após ser atropelado e ter a bicicleta arrastada em Santa Maria | Bernardo entra ao vivo de Santa Maria para noticiar o falecimento de um ciclista de 64 anos, que morreu atropelado por um motorista embriagado. Bernardo cita detalhes sobre o acontecimento, com o ciclista sendo arrastado por cerca de 2km após o ocorrido, e o motorista sendo preso em flagrante. A vítima chegou a ser ocorrida, mas não resistiu. | 1'57" |
| 06/07 | | Começa Júri de seis dos 10 réus pela morte de Policial Militar em 2016 em São Gabriel | Bernardo entra ao vivo do Foro de São Gabriel, onde informa sobre o início do júri de seis réus pela morte do PM Bento Júnior Teixeira Borges, ao tentar apartar uma briga de casal em um estacionamento, no ano de 2016. | 2'35" |
| 11/07 | | (VIVO) Rajadas de vento chegam a 60km/h em Santa Maria (TEMPO) | Bernardo entra ao vivo, e inicia sua fala apontando o calor que Santa Maria está recebendo no momento de sua entrada. Em seguida, informa sobre os ocorridos na cidade devido aos ventos fortes que alcançaram cerca de 60km/h mais cedo, e causaram estragos em residências e ruas, assim como falta de luz em alguns bairros. Bernardo também compartilha o aviso da Defesa Civil sobre risco de problemas em telhados e rede elétrica de residências, e sobre a disponibilização de lonas para a população em caso de necessidade. | 2'05" |

Fonte: Elaboração própria.

6.2 Fernanda Carvalho

Natural de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, Fernanda Carvalho é Formada em Jornalismo pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília (UNICEUB), e tem passagem pelas rádios *Transamérica e RadioBrás* em Brasília, e antes de chegar a RBS TV, foi apresentadora do programa *Nação*, da *TVE RS*. Atuando como repórter e apresentadora do *Jornal do Almoço* durante o período analisado, Fernanda esteve presente em quatro atividades ao longo do período analisado.

Durante o levantamento de pautas em que Fernanda atuou como repórter, nota-se que a jornalista foi utilizada em uma interessante variedade de assuntos, apesar de ter sido repórter em apenas 3 situações. A primeira pauta na qual Fernanda atuou neste período tem critérios de proximidade e ação social, por se tratar da Campanha do Agasalho em Porto Alegre. No mesmo dia, Fernanda atua em assuntos relacionados a governo e economia. No dia seguinte, a jornalista atua como apresentadora do programa, sendo a única presente na bancada do estúdio durante o programa. Por último, Fernanda atua em pauta de utilidade pública para a população da capital gaúcha. Esta variedade de pautas em que a jornalista atua no período é grande indicativo da imparcialidade na qual a profissional é utilizada, assim como no fato de ter sido uma das apresentadoras a participar da rotatividade do programa.

Ao avaliar a Representatividade, Fernanda é o principal exemplo positivo dela. Ao ser a única negra a atuar na bancada de apresentadores do programa, Fernanda estampa a representatividade negra na tela do jornal, tanto pela responsabilidade da atividade, quanto pela prova de que uma jornalista negra pode chegar longe nesta carreira. Fernanda também atua como repórter em pautas como economia e governo, que são majoritariamente cobertas por jornalistas brancos, mesmo no período analisado, é prova de que ao mesmo tempo que é importante estes rostos estarem presentes em temas diversos, ainda assim acontece em poucas situações.

Ao analisar a frequência, nota-se que Fernanda aparece poucas vezes no período analisado, mesmo que tenha mostrado capacidade de atuar em pautas e funções diferentes no período, a jornalista tem apenas quatro participações durante todo período recortado. O fato de uma frequência baixa de presença, ao levar em consideração a variedade de funções e pautas na qual a jornalista se provou apta a atuar, levanta questões sobre uma possível preterição do jornal, com a profissional em comparação com seus colegas brancos.

Tabela 2 - Aparições de Fernanda Carvalho no período analisado

| Data | Atividade | Pauta | Descrição | Tempo |
|-------------|------------------|--|---|--------------|
| 01/07 | Repórter | Campanha do Agasalho 2022: veja como doar | Fernanda Carvalho entra ao vivo durante a transmissão do jornal e entrevista o Coronel Júlio Cesar Rocha Lopes, Coordenador Estadual da Defesa Civil do RS, que cita a necessidade de doações de roupas de criança, que estão em falta nas arrecadações da campanha do agasalho. Ao lado do local da entrevista, há um grupo de funcionários com uniformes da Defesa Civil organizando roupas doadas. | 2'46" |
| 01/07 | Repórter | Governo do RS adota novo cálculo do ICMS e projeta perda de R\$ 2,8 bilhões em arrecadação | Fernanda Carvalho entra novamente ao vivo, desta vez em local diferente do anterior, para informar sobre a diminuição do ICMS no estado, que havia sido divulgada horas antes pelo governo do RS. | 2'05" |
| 02/07 | Apresentadora | N/A | Fernanda Carvalho, atuando como única apresentadora no estúdio do JA, é apresentada pela repórter Daniela Ungaretti, que realiza a cobertura dos 210 anos da cidade de Pelotas. Daniela inicia a escalada do programa e passa para Fernanda, que fala sobre as notícias que serão transmitidas fora da cobertura dos eventos, e logo em seguida passa para Alice Bastos Neves, que entra ao vivo de Caxias do Sul e continua a escalada. Fernanda volta a aparecer apenas 40 minutos após o início do jornal, onde a mesma, em sequência, noticia uma "nota coberta" sobre a campanha de vacinação da Covid-19 em Poa, realiza chamada de uma reportagem em off, sobre a prisão em flagrante de um homem que atirava pedras em carros na Av. Castelo Branco, na capital. Por fim, realiza a chamada de uma reportagem "off" sobre suspeito de duplo homicídio em Triunfo que se apresentou à polícia, e chama a repórter Daniela Ungaretti, que está ao vivo realizando a cobertura do aniversário de 210 anos da cidade de Pelotas. Fernanda Carvalho não aparece mais no programa após a deixa. | 40" 2'21" |
| 14/07 | Repórter | Dmae oferece parcelamentos e descontos para | Fernanda Carvalho entra ao vivo do Departamento Municipal de Água e Esgotos de Poa (Dmae), | 2'50" |

| | | | | |
|--|--|---------------------|---|--|
| | | consumidores em POA | onde entrevista o Diretor Geral do Dmae, Alexandre Garcia, sobre a disponibilidade de parcelamento das dívidas para consumidores da capital gaúcha. | |
|--|--|---------------------|---|--|

Fonte: Elaboração própria.

6.3 Marck B

Natural de Gravataí, na região metropolitana de Porto Alegre, Marcos '*Marck B*' Cruz atua desde jovem em movimentos culturais relacionados ao *Hip Hop* na capital. Fez parte da organização do movimento que resultou no programa *Hip Hop Sul*, da TVE RS. Trabalhou em projetos pessoais, relacionados a causas sociais e culturais na capital até ser contratado pela RBS TV, inicialmente para dar continuidade ao projeto Batalha do Conhecimento, que era apresentado por seu amigo e jornalista Manoel Soares. Hoje, Marck B atua também como comunicador da RBS TV RS. Atuando durante o período analisado, Marck B esteve presente em oito atividades.

Ao avaliar os temas de pauta, foi notado que, dentro das oito pautas em que o jornalista atuou, seis delas foram sobre causas e ações sociais, com grande foco em projetos sociais para ajuda em comunidades carentes da região metropolitana de Porto Alegre. As duas pautas que saem deste grupo, entram em utilidade pública, ao noticiar sobre evento no centro de Poa, e de educação, ao tratar sobre como escolas estão utilizando a literatura como ferramenta para o combate ao racismo. Tal análise de pautas deixa claro que o foco da utilização do comunicador são as ações sociais com foco nas periferias, mas também não está exclusivo a este tipo de pauta. O destaque vai para a pauta sobre literatura negra, onde o fato da mesma ter duas partes, dá um espaço importante para um comunicador negro em seu lugar de fala.

Avaliando a representatividade, é evidente que o fato do profissional ter seu conteúdo tão focado com causas sociais, representa mais um papel de luta para ajudar o próximo, do que uma associação com sua cor de pele, ainda mais vindo de uma pessoa como Marck B, que tem uma longa história de ativismo social.

Quando a frequência, Marck B é o comunicador que mais apareceu durante o período analisado, sempre atuando com algum conteúdo relacionado a sua causa, traz pontos positivos sobre a visibilidade que não apenas o profissional recebe, como também sua luta, ao ser transmitida regularmente no jornal.

Tabela 3 - Aparições de Marck B no período analisado

| Data | Atividade | Pauta | Descrição | Tempo |
|-------------|------------------|---|---|--------------|
| 01/07 | Repórter | Iniciativa 'Marmiteiros da Amizade' ajuda famílias em situação de vulnerabilidade no RS | Marck B entra ao vivo Sapucaia do Sul, onde o Projeto "Marmiteiros da Amizade", que trabalha socialmente para auxiliar famílias vulneráveis na Região metropolitana. Marck explica a situação do projeto pós-pandemia, e entrevista Angelo Baldi, um dos fundadores do projeto, que explica quais as necessidades de doação que a iniciativa precisa. | 2'04'' |
| 05/07 | Repórter | Campanha arrecada agasalhos para comunidade na Zona Norte, em POA | Marck B entra ao vivo do complexo Porto Seco, zona norte de Poa, onde normalmente ocorre o carnaval da cidade. No local está ocorrendo uma ação social chamada 'Carnaval do bem', que através de uma gincana, arrecada e doa cobertores, calçados, roupas e cestas básicas. Marck também entrevista Israel Ávila, coordenador da gincana, que cita a importância da ação tanto para auxiliar a comunidade local, quanto para manter o Porto Seco movimentado fora do período de Carnaval. | 2'19'' |
| 07/07 | Repórter | Projeto 'Amor e Movimento' ajuda famílias em situação de vulnerabilidade social no RS | Marck B entra ao vivo do bairro Coronel Aparício Borges, zona leste de Poa, onde apresenta o projeto social 'Amor & Movimento', que realiza uma mediação entre interessados em realizar doações para pessoas da comunidade, e as pessoas que irão receber as doações. O local de atividades do projeto é a garagem da casa da criadora do projeto, Tainá da Silva, que | 3'22'' |

| | | | | |
|-------|----------|--|--|-------|
| | | | não está presente no momento devido ao trabalho. Marck B então apresenta imagens do local e entrevista moradores para saber da importância do projeto para a comunidade. | |
| 12/07 | Repórter | Associação oferece apoio para pessoas em situação de vulnerabilidade em Gravataí | Marck B entra ao vivo da parada 103, na cidade de Gravataí, onde a Associação Sociocultural Muda Xará atua com diversas atividades, seja realizando doações de alimentos e cestas básicas, sopão comunitário para a comunidade, como também oficinas para crianças e adultos. Marck entrevista o presidente da associação, Antônio Graciano Caveira, que explica o motivo do nome 'Muda Xará', pois faz alusão ao desejo de mudar, de maneira positiva a situação do bairro em que está situada. Marck também disponibiliza um número para interessados realizarem doações e apoiar o projeto. | 2'28" |
| 13/07 | Repórter | Ações para celebrar os 32 anos do ECA | Durante a semana de celebração dos 32 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente, Marck B entra ao vivo da Escola Júlio Brunelli, no bairro Rubem Berta em Poa, onde durante o dia inteiro estará acontecendo atividade chamada 'círculo de paz', que busca conscientizar os alunos da escola. Marck entrevista a diretora da escola, Vanice Loose, que explica o objetivo da atividade, de criar espaço para ouvir os alunos e criar um espaço de harmonia dentro da escola. | 2'28" |
| 14/07 | Repórter | Projeto pede doações para continuar trabalhos em São Sebastião do Caí | Marck B entra ao vivo do bairro Navegantes, em São Sebastião do Caí, onde o projeto 'Aliados do Bem', que a 4 anos atua no apoio para comunidades carentes, vive um momento delicado devido à pandemia. Ao entrevistar a fundadora do projeto, Francine Venier, é apontado que o projeto precisa de doações de materiais de construção para sua nova | 2'51" |

| | | | | |
|-------|----------|---|---|-------|
| | | | sede, assim como de alimentos para as cestas básicas que o projeto distribui. | |
| 15/07 | Repórter | Show em homenagem aos 40 anos da AAMARGS e aos 68 anos do MARGS acontece na capital | No dia do aniversário do Museu de Artes do RS (MARGS), e da Associação de Amigos do MARGS, Marck B entra ao vivo direto do museu, no centro de Poa, para noticiar sobre o show do grupo Povo Banto, que faz parte da comemoração. Marck faz uma breve entrevista com a cantora do grupo, Marguerite Silva, e em seguida abre espaço para o grupo fazer uma breve apresentação durante a transmissão. | 2'21" |
| 15/07 | Repórter | Escolas do RS incentivam a literatura negra em combate a discriminação racial | A reportagem em conjunto com o jornalista Arildo Palermo inicia com Maria Fernanda, criança, que lê o livro chamado 'As Aventuras de Lu', que narra a história de Luciana Lealdina de Araújo, mulher negra, filha de escravos, que fundou o Asilo de Órfãos São Benedito, em Pelotas, como promessa por ter se curado da tuberculose. A primeira parte da reportagem, narrada por Arildo, aponta como a Escola Luciana de Araújo, em Pelotas, utiliza a literatura com temática negra para, desde cedo, introduzir histórias e pessoas negras de maneira positiva na vida das crianças, as conscientizando sobre igualdade e respeito desde jovens. Ao final da primeira parte, Arildo chama Marck B, que apresenta o livro 'Dos Grilhões as Cotas', do professor Carlos José Pena Rei, se tornou um projeto na Escola Castro Alves, em Alvorada, que busca conscientizar os jovens através da literatura a combater o racismo. | 2'56" |

Fonte: Elaboração própria.

6.4 Seguidor F

Natural de Porto Alegre, Fabio ‘Seguidor F’ Pedroso atua desde jovem em movimentos culturais relacionados ao *Rap* e *Hip Hop* na capital gaúcha. Formou o grupo *Seguidores do Rap*, com o objetivo de conscientizar os jovens através da música. A partir disto, participou de movimentos como o Movimento Negro Unificado (MNU), onde acabou se envolvendo politicamente com a música, até chegar a Organização Cultural Movimento Hip-Hop. Com passagem no programa *Hip Hop Sul*, da TVE RS, foi para a RBS TV junto com seu amigo e colega Marck B, inicialmente para dar continuidade ao projeto Batalha do Conhecimento, e hoje também atua como comunicador da emissora. Seguidor F se destaca por ser o profissional que menos esteve presente no período analisado, ao aparecer em duas oportunidades, sendo ambas no mesmo programa.

Quando analisamos os temas de pauta em que atuou, percebe-se a exclusividade de pautas relacionadas à música, mais especificamente o Rap e Hip Hop. Tal tema tem ligação direta com o comunicador, que atua na cena de Hip Hop da capital desde jovem. Assim como Marck B, o foco das pautas em que Seguidor F atua vem de sua área de atuação social e cultural, algo que apenas ele na equipe de profissionais do Jornal do Almoço, tem diferencial de conhecimento e experiência para reportar.

Ao analisar a representatividade, a atuação de Seguidor F traz visibilidade para pautas culturais de periferia, que dificilmente recebem o devido destaque na TV brasileira. A representatividade também está no fato de um homem negro de periferia, que tem suas lutas na cultura de onde veio, estar as apresentando e representando na tv.

Quanto à frequência em que o comunicador é utilizado, pode-se dizer que os tipos de pauta nas quais Seguidor F costuma atuar, nem sempre recebem destaque durante a seleção do programa quando se trata de ações culturais, o que coloca o problema da pouca frequência do comunicador mais para um lado de critérios jornalísticos do veículo, do que necessariamente a uma preterição de Seguidor F em relação a outros jornalistas.

Tabela 4 - Aparições de Seguidor F no período analisado

| Data | Atividade | Pauta | Descrição | Tempo |
|------|-----------|-------|-----------|-------|
|------|-----------|-------|-----------|-------|

| | | | | |
|-------|----------|---|---|-------|
| 06/07 | Repórter | Grupo de dança de Viamão arrecada auxílio para participar de competição | A reportagem inicia com imagens do grupo de dança 'Performance Company', de Viamão, realizando suas coreografias, em seguida, o grupo se apresenta e fala sobre a busca por parcerias e apoios para irem adiante. Em seguida se inicia a fala de Seguidor F, que contextualiza a situação do grupo, que busca patrocínio para competir nos Estados Unidos, em concurso que a equipe está classificada, mas não possui recursos financeiros para a viagem. | 2'49" |
| 06/07 | Repórter | Grupo de danças urbanas Restinga Crew completa 20 anos em Porto Alegre | Seguidor F entra ao vivo do Teatro Renascença, em Poa, para falar sobre a abertura da bilheteria para o evento 'Restinga Crew 20 anos', em comemoração ao aniversário do grupo Restinga Crew, que existe desde 2002. Enquanto Seguidor contextualiza, o grupo exhibe sua dança ao lado. Seguidor dá espaço para o coordenador do grupo realizar um breve convite, e cita o local e horário do evento, de entrada gratuita. Por fim, Seguidor abre espaço para o grupo mostrar mais de suas exposições antes do fim da reportagem. | 2'30" |

Fonte: Elaboração própria

7. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Com a análise feita, foi notada uma grande variedade de temas de pauta trabalhadas pelos jornalistas negros em geral. Por um lado, a jornalista Fernanda Carvalho e o jornalista Bernardo Barcellos atuaram em temas diversos durante o período analisado, provando que não houve nenhuma ligação de sua cor de pele com os temas trabalhados. Ao mesmo tempo, Marck B e Seguidor F trabalharam com temas mais focados com ações sociais e culturais voltadas à periferia, algo que poderia ser associado diretamente com a cor de pele, sem levar em consideração a história dos dois comunicadores, que já atuavam nestas áreas antes de chegarem ao Jornal do Almoço.

Quanto ao critério de representatividade, ficou evidenciado que o veículo não age de maneira negativa quanto à representatividade dos jornalistas negros no telejornalismo. O grande ponto positivo deste critério, deve-se a presença de Fernanda Carvalho como apresentadora do programa, atuando da bancada do estúdio, mesmo que tenha sido em uma edição de formato diferente do habitual do jornal. O ponto de uma mulher negra atuar em uma das posições de destaque em um telejornal reforça de maneira positiva que negros podem sim estar presentes em cargos que, a não muito tempo atrás, eram considerados impossíveis para uma pessoa não-branca. Ao mesmo tempo, Bernardo Barcellos serve como outro bom ponto de representatividade, ao ter um repórter negro trabalhando com assuntos diversos durante o período analisado. O destaque final deste critério fica para Marck B e Seguidor F, que trazem não apenas uma representatividade para os povos negros, mas também para o povo de periferia, ao abordar em suas pautas temas e ações que beneficiam diretamente este povo e sua cultura. O serviço realizado pelos dois em sua vida antes das telas da tv gaúcha, seguem sendo realizados, desta vez dentro da maior emissora do estado.

Ao analisar a frequência na qual os jornalistas estão presentes, temos o primeiro ponto possivelmente negativo. Fernanda, mesmo atuando em temas diversos e em mais de uma função no telejornal, ainda assim apareceu muito pouco durante o período analisado. Uma jornalista que atua em temas de economia, governo e de ações sociais, deveria ter mais espaço em um programa de uma hora. Após atuar como apresentadora, a jornalista foi aparecer novamente no programa após 12 dias, o que levanta dúvidas sobre o motivo desse sumiço da profissional após realizar uma função de destaque. Ao mesmo tempo, Marck B foi a principal presença negra no telejornal durante o período, atuando em oito pautas ao longo de sete edições, de longe a maior presença entre todos os analisados. Mesmo com grande foco em

ações sociais, o fato do comunicador aparecer com grande frequência nas telas, evidencia uma grande vontade do jornal em abordar estes assuntos, destacando não apenas o profissional, como sua causa.

Ao analisar Bernardo Barcellos e Seguidor F, a grande dúvida em relação a baixa presença de ambos no período, fica por conta da atividade e pauta na qual atuam. Bernardo, por atuar como uma espécie de correspondente do 'JA' na região central do estado, fica refém da seleção de reportagens da região que sejam relevantes para o jornal em um geral, algo que não tem ligação com o jornalista em si. O caso de Seguidor F pode ser enquadrado no mesmo argumento de Bernardo, mas em relação ao conteúdo da pauta, que mesmo sendo relevante e de grande importância, costuma dividir espaço com outras pautas culturais e musicais de todo o estado, motivando assim uma rotatividade, onde nem sempre sua pauta vai estar presente devido a uma grande disputa.

É possível também realizar uma separação por duplas, onde o jornalista Bernardo Barcellos e a jornalista Fernanda Carvalho, podem ser analisados por um olhar e contextos diferentes em relação a dupla Marck B e Seguidor F. Esta divisão pode ser realizada por olhares relacionados aos contextos de cada comunicador dentro do jornal.

De acordo com Costa, Amaral e Fortes (2018), as teorias que legitimaram a "superioridade" da raça branca, fundamentadas no eurocentrismo, na maioria das vezes, assumem postura de desprezo a outros pertencimentos raciais. Essa cultura racista simplifica o espaço dos negros às funções subalternas, onde o silêncio e a omissão de manifestações de preconceito racial são ativos e residem no interior dos estabelecimentos e/ou instituições, além de cada sujeito. Ao trazer esta linha de pensamento ao contexto do Rio Grande do Sul, nota-se que a representação do povo gaúcho na mídia raramente apresenta a população negra, por outro lado, existe forte ligação com a influência europeia. Tal invisibilidade histórica no estado afirma ainda mais a importância de que profissionais como Fernanda e Bernardo atuem no espaço em que estão, em conjunto com as capacidades que possuem. Ter uma apresentadora negra em um dos principais jornais da TV gaúcha, por mais que mínimo, é um início de contextualização e representação afrodescendente em um espaço historicamente dominado pela branquitude. Ver uma jornalista negra como apresentadora, e um jornalista negro como correspondente de uma região inteira do estado, é dar os primeiros passos para criar referências históricas negras no Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo que ver estes rostos aparecendo na TV é uma vitória, ainda deve-se continuar indo atrás de mais espaço em um ambiente que essa falta de reconhecimento, acarreta diretamente na constituição imaginária da sociedade e identidade do povo negro, que não é valorizado e reconhecido.

(COSTA, AMARAL, FORTES. 2018, p.6).

No espectro da outra dupla, onde o carro chefe de suas atuações são a cultura de periferia, e as ações sociais, nesta análise, a presença da cultura negra nas mídias de massa atua com grande importância na luta por mais visibilidade do povo negro na grande mídia. De acordo com Maciel (2019), a desigualdade racial e suas consequências ainda são sentidas em nossa sociedade e demandam resposta em todas as áreas do saber. Portanto, utilizar a Industrial Cultural e a mídia como catalisadores da luta pela igualdade e discussões sobre o racismo é fator essencial para a sociedade global. Também é importante lembrar que não se deve apenas utilizar a mídia como ponte para apresentar as questões da cultura negra, mas também para que os rostos e pensamentos do povo negro sejam presentes neste debate. A presença de Marck B e Seguidor F fortalecem esta ponte, pois inserem personagens negros em contextos sociais e culturais que atingem um parte da população, majoritariamente negra. Esta análise também está sujeita a interpretação desta decisão, como o jornalismo exercendo seu papel social. Para Perdomo (2015), é importante analisar como o jornalismo se posiciona em relação a notícias que podem não atrair mais compradores para o seu produto. O lugar para notícias sobre índios, negros e outras minorias nesse jornalismo ainda é incipiente, e quando aparece, está relegado aos ambientes alternativos como em suplementos especializados e entre os textos literários dos cadernos de cultura. A análise do Jornal do Almoço mostra um posicionamento neutro em relação ao papel social do jornal, ao mesmo tempo, presta respeito com vivências e culturas que pertencem ao povo negro, resta saber se este respeito existe ao se tratar de outros grupos.

Por fim, é possível analisar que em nenhum momento houve uma diferença de tratamento ou utilização negativa dos repórteres por questões raciais. É evidente que o veículo atua com grande imparcialidade na maneira que trata seus profissionais em um contexto geral, ao analisar os resultados citados acima. Ao mesmo tempo, é positivo que certos comunicadores, como Marck B e Seguidor F, possam atuar em temas dos quais os mesmos apoiam fora do cargo que exercem no jornal, criando um vínculo maior do profissional a sua causa, e associando de uma maneira positiva sua imagem ao assunto, ao mesmo tempo que ocupam um espaço importante na tv, compartilhando e difundindo sua cultura e luta em suas reportagens. Enquanto que, ter jornalistas como Bernardo e Fernanda reforçam o outro lado desta questão, onde uma mulher negra prova que pode falar sobre economia no jornal, e participar de uma bancada de apresentadores, o único ponto negativo fica para a ausência da profissional após provar que pode ser utilizada em uma variedade de assuntos e funções.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia teve início devido às dúvidas do pesquisador em relação a sua escolha profissional. Desde o primeiro semestre como aluno de jornalismo, foi percebido que pessoas de pele negra eram quase uma raridade nos corredores e salas da universidade, em comparação ao número de alunos brancos. Não apenas na posição de alunos, mas também em relação aos professores, sendo a orientadora desta monografia, já no último semestre após seis anos de vida universitária, seu primeiro contato com uma pessoa negra atuando nesta função dentro da faculdade. Não apenas exclusivo da vida dentro da universidade, a área profissional também alertou sobre a mesma questão. Ao estagiar durante três anos, muitas vezes sendo o único negro trabalhando, torna-se impossível não surgirem dúvidas sobre sua própria capacidade, ou se o lugar é receptivo para sujeitos negros, mas graças ao jornalismo, estas respostas podem ser alcançadas.

A escolha deste tema é a ação para ir atrás das respostas de uma vida acadêmica repleta de dúvidas. Durante a realização do projeto, foi evidenciado que haviam sim jornalistas negros atuando no telejornalismo, e que apesar do baixíssimo número de profissionais não causar surpresa, baseado nas observações de uma vida, em conjunto com pesquisa de referências históricas sobre o assunto, buscar respostas para uma questão como esta é muito satisfatório. Uma pergunta de vivência pessoal, mas que foi, e ainda é realizada por muitos sujeitos negros ao redor do mundo, se de fato há uma representatividade do negro no jornalismo, acabou por levar a outra, ao encontrar os jornalistas negros, a questão que surgiu buscava descobrir como estes poucos profissionais, que representavam um povo inteiro dentro do estado estavam sendo geridos por seus patrões.

Os resultados apresentados pelo Jornal do almoço trouxeram grandes surpresas e reflexões. A análise evidenciou, durante o período de 1 de julho a 16 de julho de 2022, que existe sim uma preocupação com a representatividade dos negros no jornalismo da emissora, ao mesmo tempo que se mantém a imparcialidade em relação a sua utilização. Cumprindo seu objetivo, a pesquisa evidencia que os negros na RBS TV não estão lá apenas para gerar empatia e passar uma falsa sensação de que o veículo está apoiando a luta deste grupo, e sim para mostrar que além de estarem representando um povo que a séculos luta por este espaço, também chegaram a este ponto por suas qualidades como jornalistas, e que ao chegar lá, não sofrem com decisões parciais ou preconceituosas por parte de seus empregadores ou chefes.

Portal (2016) aponta para os problemas do eurocentrismo no jornalismo, que acaba por preferir rostos brancos do que negros para funções de destaque e, ao mesmo tempo que a

análise mostra pouco destaque acima do posto de repórter, temos um avanço com a participação de Fernanda Carvalho como apresentadora, indo contra os padrões anteriormente impostos na cultura da TV gaúcha. Um grande avanço contra a invisibilidade do povo negro no jornalismo, que iniciou seus passos, conforme Araújo (2019), nos primeiros passos da imprensa negra no Brasil, que visava dar protagonismo as figuras negras, que raramente encontravam espaço nos veículos de comunicação tradicionais. Hoje, percebe-se que este cenário mudou, temos apresentadoras negras participando de bancadas de jornais da principal emissora do Rio Grande do Sul, estado conhecido por apagar a participação do povo negro em sua história. Em conjunto, uma leva de repórteres que aumentou no espaço de um ano, em comparação com o levantamento realizado por Badeira (2021), ao trazer um jornalista negro de fora da região metropolitana, com diferentes vivências e conhecimentos, aumentando a pluralidade de vozes negras na equipe da emissora.

Antes um povo que necessitava de sua própria imprensa para aparecer e ser ouvido, hoje a representatividade do povo negro é mais aceita nas mídias tradicionais. Não apenas foram aceitos para falar sobre temas gerais, mas também receberam espaço para falar sobre a própria cultura na TV, como vemos nas pautas de Seguidor F, que recebeu espaço para falar sobre Hip Hop, cultura de periferia, cultura na qual o repórter esteve emergido em grande parte da vida. Importante ressaltar também que não há uma tentativa de “embranquecimento” destes repórteres, especialmente Marck B e Seguidor F, que aparecem de cabelo *black* e boné na transmissão, tendo suas imagens respeitadas enquanto pessoas negras e representando seu povo na aparência e na fala, ao usar linguagem mais informal em comparação a seus colegas brancos.

Ao demonstrar que atua com grande diversidade fora de períodos como carnaval, a RBS TV prova que está no caminho certo, embora apenas no início da caminhada, para criar ainda mais um ambiente diversificado e positivo para pessoas negras no jornalismo gaúcho, espera-se que as outras emissoras estejam seguindo o exemplo.

Por fim, percebe-se que as vivências acadêmicas e profissionais serviram de guia até este tema, afinal, todos os negros querem acreditar que estarão entrando em um mercado de trabalho que vai lhes avaliar pelas capacidades, e não pelas aparências. Este tema de pesquisa pode ser pensado como um adicional para entender cada vez mais a situação dos jornalistas negros no telejornalismo não apenas gaúcho, mas como nacional, servindo como um pequeno tijolo na construção de uma casa grande e acolhedora para os atuais e futuros jornalistas negros.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Cíntia Gonçalves. **A representação do negro no telejornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6492/1/CAbuquerque.pdf>
- ARAUJO, Joel Zito. **Onde está o negro na TV pública?**. Fundação Cultural Palmares. 2007. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/pesqtv.pdf>
- ARAUJO, Valmir Teixeira de. **O papel da imprensa negra brasileira**. Revista Alterjor. São Paulo. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/157190>
- BANDEIRA, Gabriel dos Santos. **A gente não se vê por aqui: O jornalista negro no maior grupo de comunicação do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. 2021. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1ysmNWsi6M5hbXX2dF14UR4CRU9P-_G9V/view
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70. São Paulo. 2016.
- COSTA, Laís Braga. AMARAL, Marcel Jardim. CORTES, Márcia Della Flora. **Faces do racismo: A invisibilidade da capacidade intelectual do negro na formação cultural brasileira**. E-book SENACORPUS / Edição 2018. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/39449>
- DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Editora UCAM. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/ij/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/?format=pdf&lang=pt>
- RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. 3 ed
- MELO, Roberta Araujo. **A representação do negro nas telenovelas**. XVII Encontro Estadual de História. Paraíba. 2016. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/xviieeh/xviieeh/paper/view/3466>
- OLIVEIRA, Ângela Pereira. **A imprensa negra do Rio Grande do Sul e alguns de seus homens**. Revista Espacialidades. Rio Grande do Norte. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17650>
- SILVA, Wagner Machado da. **Mídia e representatividade: por que demorou décadas para ter uma âncora negra no RBS Notícias?**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Virtual, 2020. Disponível em: <https://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-0284-1.pdf>
- FAPESP. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. **O negro na telenovela**. Revista Pesquisa. 1998. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-negro-na-telenovela/>

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Editora Atlas. São Paulo. 2008.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Editora Vozes. São Paulo. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Editora DP&A. 1992.

LIMA, Nayane Camurça de. MUNIZ, Túlio de Souza. **Bastidores negros, cenários brancos: Obstáculos e invisibilidades na difusão de produção negra e africana na mídia brasileira**. Ceará. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/49058?mode=full>

MACIEL, Isadora. **Representatividade racial na cultura popular e de massas**. O Cosmopolítico. Rio de Janeiro. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ocosmopolitico/article/view/53873>

MINAYO, Maria Cecília de Souza. DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**. Editora Vozes. São Paulo. 2002.

NUNES, Antonio de Assis Cruz. et al. **A imprensa alternativa negra como legado para o jornalismo brasileiro**. Brazilian Journal of Development. Curitiba. 2022. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/46128/pdf>

PERDOMO, Nidiane Saldanha. A função social do jornalismo no mercado de notícias. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/125969/000972046.pdf?sequence=1>

PORTAL, Sara Raquel Pinheiro. **A Cor da Mídia Televisiva: A (in) visibilidade da jornalista negra na televisão paraense**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Goiânia, Goiás. 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2016/resumos/R51-0075-1.pdf>